



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 15/02/19

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Precio del novillo experimentó una baja del 1.2 por ciento en el último mes.....	2
Exportaciones empujan el mercado de hacienda.....	2
ABIEC participa de Gulfood.....	2
Abrafrigo prevé recuperación en el nivel de ventas a RUSIA e incremento del 5 por ciento en las exportaciones de 2019 .....	2
CEPEA: faena de bovinos se elevó a 31.4 millones de cabezas en 2018.....	3
Brasil empeñado en ampliar regiones libres de AFTOSA.....	3
Importante alza de las exportaciones de bovinos vivos en enero.....	4
Automatizan licencias de importación de alimentos de origen animal.....	4
Emprendedores fundaron asociación de productores de carne “carbono neutra”.....	4
<b>URUGUAY</b> .....	<b>5</b>
Iniciaron primeros embarques a JAPON .....	5
Mercado quedó operativo con 16 frigoríficos Se podrá colocar hamburguesas y otros productos.....	5
¿Que implica la apertura de Japón?.....	6
Sale hoy el primer embarque de carne uruguaya a Japón.....	7
Cadena cárnica de fiesta con primer envío a Japón .....	7
Salió el primer embarque de hamburguesas uruguayas hacia Japón .....	8
BPU mandó carne a pasto para un cliente con varias parrilladas.....	9
Dos nuevos frigoríficos uruguayos habilitados para exportar carne a China.....	9
Protocolo sanitario para Eurasia permitiría la exportación en pie a Rusia.....	9
Empresas privadas turcas consiguen nuevos permisos para importar ganado en pie.....	10
Brexit se presenta como una oportunidad para retomar vínculos comerciales con el Reino Unido.....	10
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>10</b>
Frigoríficos presionan a la baja los precios de las haciendas gordas.....	10
Exitosa participación de frigoríficos paraguayos en PRODEXPO Moscú.....	11
Adecuación de precios afectó ingresos por carne.....	11
Paraguay se obliga a aumentar la tasa de procreo en los próximos años .....	12
<b>UNION EUROPEA</b> .....	<b>12</b>
Cuota 481 posiblemente sin cambios hasta junio de 2020 .....	12
Acuerdo UE – SINGAPUR entró en vigencia.....	12
Acuerdo para un futuro reglamento sobre la transparencia y sostenibilidad en la evaluación de riesgos en la cadena alimentaria.....	13
REINO UNIDO: más de 94 mil bovinos, ovinos y aves se sacrifican sin noqueo previo .....	14
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>15</b>
USDA dirimió controversia sobre 'pink slime': puede ser llamada carne picada .....	15
Trump considera extender el plazo para empezar a aplicar derechos retaliatorios sobre CHINA .....	15
Elevado stock y malas condiciones climáticas condicionarán el Mercado de hacienda.....	16
<b>VARIOS</b> .....	<b>16</b>
AUSTRALIA: inundaciones mataron alrededor de 300 mil bovinos.....	16
JAPÓN aumenta 55% las importaciones de carne vacuna en enero .....	17
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>17</b>
Minerva habilitó tres plantas en Uruguay para exportar carne a JAPON .....	17
JBS entra en lugar de Marfrig se asoció con Nelore .....	17
Friboi y ACNB ampliaron Programa de Calidad Nelore Natural.....	18



## **BRASIL**

### **Precio del novillo experimentó una baja del 1.2 por ciento en el último mes.**

O Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo (Estado de São Paulo, valor à vista) fechou a quinta-feira com queda de 1,2%, cotado a R\$ 149,65, ante o valor de R\$ 151,50 registrado no dia anterior, segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP).

Em relação ao preço de um mês atrás, de R\$ 151,10, a queda foi de 2,4%. No acumulado do ano, o Indicador do boi apresenta retração de 2,4% na praça paulista.

Segundo o Boletim Semanal da consultoria Informa Economics FNP, de São Paulo, ainda há muita cautela entre os compradores de gado. "Os frigoríficos procuram limitar os abates diários na busca por equalizar a produção de carne ao atual desempenho das vendas no atacado".

### **Exportaciones empujan el mercado de hacienda**

Como o consumo no mercado doméstico continua em ritmo de conta gotas, a demanda pela carne bovina segue puxada pelas exportações. Nas primeiras duas semanas de fevereiro, o Brasil registrou um fluxo médio diário de embarque de 7.100 toneladas, avanço de 53,3% frente a janeiro passado e um desempenho 30,5% superior a fevereiro de 2018, segundo a Informa Economics FNP, de São Paulo.

Em janeiro, os embarques brasileiros atingiram 123.470 toneladas, volume praticamente estável na comparação o resultado de igual mês de 2018 (123.710 toneladas). A receita, porém, caiu 12%, para US\$ 457,3 milhões.

No ano passado, as vendas externas do Brasil alcançaram volume recorde de 1,6 milhão de toneladas, com elevação de 11% sobre a quantidade do ano anterior (1,4 milhão). Com esse resultado, o Brasil conseguiu superar o recorde histórico de 2014, de 1,5 milhão de toneladas. Em receita, os embarques renderam ao País US\$ 6,5 bilhões, um acréscimo 8% sobre o resultado de 2017, de US\$ 6 bilhões.

### **ABIEC participa de Gulfood**

Entre 17 e 21 de fevereiro, representantes de 16 empresas associadas à Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) irão participar da 24ª edição da Gulfood, uma das principais feiras de alimentos do mundo, realizada nos Emirados Árabes. As indústrias participantes são: Agra Agroindustrial; Agro Iguatemi; Barra Mansa Alimentos; Cooperfrigu; Frialto; Frigosul; Frigotil; JBS; Marfrig; Minerva; Masterboi; Mataboi; Mercurio Alimentos; Mondelli; Plena Alimentos e Xinguara.

O objetivo do encontro, regado ao tradicional churrasco brasileiro, é fortalecer ainda mais as exportações da carne aos países árabes, mercado que rendeu ao País em torno de US\$ 1,6 bilhão no ano passado, com a venda de 427 mil toneladas do produto.

### **Abrafrigo prevé recuperación en el nivel de ventas a RUSIA e incremento del 5 por ciento en las exportaciones de 2019**

PORTAL DBO 11/02/2019 Brasil enviou 123,5 mil toneladas de carne bovina para o mercado externo no último mês, segundo associação

As exportações brasileiras de carne bovina em janeiro ficaram próximas do registrado no ano passado, de acordo com levantamento realizado pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) junto aos dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). A entidade estima crescimento de 5% nas exportações brasileiras de carne bovina este ano.

+Marfrig Uruguai é habilitada a exportar carne para o Japão

+Abertura do Japão para carne uruguaia pode beneficiar o Brasil

+Exportação de carne bovina cresce 3% em janeiro

No total, o país enviou 123,5 mil toneladas de carne bovina para o mercado externo no último mês ante 123,7 mil em igual período de 2018. Com as vendas mais fracas, houve queda 12% na receita gerada pelas exportações, para US\$ 457,3 milhões.

Os principais destinos das exportações brasileiras foram a China, com 41,45 do volume exportado. O Egito foi o segundo maior comprador, com 14,15 mil toneladas (crescimento de 10% ante o ano passado) e o Chile o terceiro, com 6,6 mil toneladas (queda de 6,4%). A Rússia, que retomou a importação de carne bovina brasileira no final do ano passado, adquiriu pouco mais de 3 mil toneladas em janeiro ante mais de 150 mil toneladas em igual período de 2017.

12/02/19 - por Equipe BeefPoint O Brasil deverá embarcar cerca de 150 mil toneladas de carne bovina in natura e processada para a Rússia neste ano, retomando o nível visto 2 anos. A previsão é da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo).

O reaquecimento dos negócios com a Rússia, um antigo parceiro comercial neste segmento, anima as indústrias, uma vez que o Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de carnes do mundo.



O montante exportado para a Rússia chegava a esse nível desde o embargo imposto por aquele país às carnes bovina e suína do Brasil no fim de 2017.

Na época, Moscou alegou a presença do aditivo ractopamina, proibido por lá, em alguns lotes desses produtos. As restrições começaram a ser retiradas em novembro do ano passado.

De acordo com a associação, até o momento apenas 9 plantas processadoras de carnes estão autorizadas a exportar para a Rússia, sendo 5 de bovinos –incluindo uma do frigorífico Minerva– e 4 de suínos. Antes do embargo, 30 podiam exportar carne bovina e 18, suína.

A expectativa da associação é “de que novas plantas sejam habilitadas no decorrer deste ano e que as exportações para a Rússia voltem à normalidade”, diz a nota enviada à Reuters.

Só em janeiro, o Brasil exportou para a Rússia quase metade de tudo o que enviou ao país em 2018 (7,5 mil toneladas).

Foram 3,1 mil toneladas, segundo dados do governo compilados pela Abrafrigo.

Ânimo

Segundo a Abrafrigo, para 2019 a previsão é de que a exportação de carne bovina in natura e processada cresça 5% ante 2018. Em dezembro, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) estimou vendas recordes neste ano.

Em janeiro, os embarques totalizaram 123,5 mil toneladas, praticamente estável ante as 123,7 mil toneladas de um ano atrás, mas com receita 12% menor, na casa de US\$ 457,3 milhões.

Pelos dados informados pela Abrafrigo, a China continua sendo o maior cliente do produto brasileiro, absorvendo 41,4% de toda a exportação, mas em janeiro Hong Kong reduziu suas importações em 27%, para 27,6 mil, enquanto a parte continental aumentou seus negócios em 3,3%, para 23,5 mil toneladas.

O Egito foi o segundo maior comprador, com 14,1 mil toneladas (+10%) e o Chile o terceiro, com 6,6 mil toneladas (-6,4%).

### **CEPEA: faena de bovinos se elevó a 31.4 millones de cabezas en 2018**

13/02/19 - por Equipe BeefPoint No 4o trimestre de 2018, foram abatidas 8,09 milhões de cabeças de bovinos, o que representa uma queda de 2,3% em comparação ao trimestre imediatamente anterior e aumento de 0,4% em relação ao 4o trimestre de 2017.

A produção de 2,05 milhões de toneladas de carcaças bovinas no 4o trimestre de 2018 indica redução de 2,7% em relação ao 3º trimestre deste ano e incremento de 0,9% em relação ao 4o trimestre de 2017.

15/02/19 - por Equipe BeefPoint Dados divulgados pelo IBGE nesta semana confirmam a tendência que já vinha sendo observada até o terceiro trimestre do ano passado, de aumento no volume de abate de animais no Brasil. De janeiro a dezembro de 2018, foram abatidas 31,4 milhões de cabeças de animais, número 3,16% superior ao do ano anterior, 7,2% maior que o de 2016 e 3,88% acima do de 2015. Já se comparado ao volume de 2014, a quantidade abatida em 2018 é 6,09% inferior.

Esses números mostram uma recuperação do volume de animais abatidos depois de uma redução de rebanho e de produtividade entre 2013 e 2014, quando uma forte seca atingiu o Centro-Sul do País.

Esse cenário, por sua vez, elevou as cotações do boi gordo naquele período, o que levou muitos produtores consultados pelo Cepea a realizarem investimentos no setor nos anos seguintes – tanto em tecnologia quanto em pastagem e genética –, o que, por sua vez, resultou em aumento no rebanho e da produtividade nacional nestes últimos anos. Quanto ao mercado da semana, de acordo com levantamento do Cepea, o Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa recuou 0,52% de 6 a 13 de fevereiro, fechando em R\$ 151,50 na quarta-feira, 13.

### **Brasil empenhado em ampliar regiones libres de AFTOSA**

12/02/19 - por Equipe BeefPoint Depois de ter lutado contra a febre aftosa durante vários anos, e de ter recebido, no ano passado, o reconhecimento da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) de que todo o território nacional é área livre de aftosa com vacinação – Santa Catarina é reconhecida como livre da doença sem vacinação – o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, executa programa que visa estender a condição do estado catarinense a todo o território nacional até 2021. De acordo com a ministra Tereza Cristina, essa nova condição permitirá atender a mercados consumidores mais exigentes, para ampliar a exportação da carne brasileira.

Outros estados do Sul do país, Paraná e Rio Grande do Sul, também reivindicam o mesmo reconhecimento, antes do prazo que está previsto no Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (Pnefa). Há países que se recusam a importar a carne de áreas sem este selo de qualidade.

“Precisamos ter mais áreas livres de aftosa sem vacinação, pois assim a gente consegue vender melhor a carne”, disse a ministra. “Para isso acontecer, é preciso o estado interessado preencher um protocolo que dê a segurança de que vamos conseguir manter a área livre de vacinação e sem a doença. É um processo que precisa ser muito bem feito, para não nos trazer problemas no futuro”.



Tereza Cristina lembrou que os Estados Unidos, por exemplo, já compram a carne brasileira, mas depois de uma batalha de vinte anos, e o volume comercializado ainda não é significativo. “O Brasil tem um programa de liberação de áreas de aftosa sem vacinação. Hoje isso ocorre apenas em Santa Catarina, mas é preciso expandir para outros estados e melhorar as nossas exportações”, defendeu a ministra.

O objetivo do programa é criar e manter condições sustentáveis para garantir o status de país livre da febre aftosa, estendendo a ampliação de zonas livres sem vacinação ao todo o Brasil.

A execução do Pnefa é compartilhada entre os diferentes níveis de hierarquia do serviço veterinário oficial com participação do setor privado. Os governos estaduais, representados pelas secretarias estaduais de agricultura e instituições vinculadas, responsabilizam-se pela execução no âmbito de cada estado.

Em maio deste ano, todo o rebanho dos estados do Acre, Rondônia, parte do Amazonas e parte de Mato Grosso ainda farão a vacinação, mas, já em novembro, estarão fora do calendário previsto no Pnefa.

### **Importante alza de las exportaciones de bovinos vivos en enero**

PORTAL DBO 11/02/2019 Com o Egito como principal destino, embarques somaram 37.550 cabeças ao longo do mês

Depois de bater recorde em 2018, as exportações de gado vivo do Brasil iniciaram 2019 a todo o vapor. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), foram exportadas 37.550 cabeças de bovinos vivos em janeiro, com faturamento total de US\$22,6 milhões.

Embora o volume embarcado seja 5,7% menor do que o dezembro último, na comparação com o mesmo período no ano passado, o resultado responde por alta de 55,4%.

Entre os destinos, o Egito foi o grande destaque, com 16.900 cabeças. Em seguida aparecem Iraque, com 10.000 animais; Turquia, com 7.800; e Jordânia, com 2.700 cabeças.

Vale destacar que no final de 2018 houve a abertura das exportações de gado em pé para o Irã e, mais recentemente, em janeiro de 2019, a abertura com o Malásia, podendo aumentar as oportunidades nesse nicho de mercado.

### **Automatizan licencias de importación de alimentos de origen animal**

13/02/19 - por Equipe BeefPoint Nesta sexta-feira (15) entrará em vigor o artigo 5º da Instrução Normativa nº 34, que publicada no Diário Oficial da União (DOU) no dia 27 de setembro de 2018, automatizando os procedimentos de autorização prévia às importações de produtos comestíveis de origem animal pelo (Dipoa), da secretaria de defesa agropecuária (SDA).

Segundo o chefe da Divisão de Produtos Importados do DIPOA (Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal) do Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento (Mapa), Paulo Humberto Araújo, “por meio de sistema automatizado, serão protocolados todos os requerimentos de importação regulares, substitutivas e de reimportação, acessando o link disponibilizado”. Fora desse sistema, explicou, somente serão protocolados os requerimentos de autorização de importação de amostras sem valor comercial, concluiu ele.

Com o objetivo de orientar os importadores e despachantes será realizada amanhã (13), a partir das 15 horas, uma reunião no auditório Senador Jonas Pinheiro, no edifício sede do Mapa, em Brasília. Para se inscrever enviar um email para: [dimp.dipoa@agricultura.gov.br](mailto:dimp.dipoa@agricultura.gov.br).

De acordo com Paulo Araújo, foi encaminhado ao público interessado documento com os procedimentos e disponibilizado vídeo com o passo-a-passo do preenchimento do formulário de solicitação no sítio eletrônico do ministério.

### **Emprendedores fundaron asociación de productores de carne “carbono neutra”**

15/02/19 - por Equipe BeefPoint O Conceito Carne Carbono Neutro e seus posteriores benefícios, desenvolvidos pela Embrapa, motivaram a criação da Associação Brasileira de Produtores de Carne Carbono Neutro (ABCCN), que terá sua assembleia de fundação na próxima quinta-feira, 14, em São Paulo. Com a presença de produtores rurais, a reunião marcará também a aprovação dos estatutos sociais da entidade e eleição da primeira diretoria.

“A ideia surgiu da vontade dos produtores de vários Estados, como Minas Gerais e Pará, de promover, organizadamente, esta nova realidade de pecuária sustentável no País”, afirma Gilberto Mussi de Carvalho, presidente da comissão de fundação. Para ele é uma forma de mostrar aos demais países que o Brasil além de extensão territorial e planteis numerosos, tem sistemas aperfeiçoados, como o carne carbono neutro (CCN), certificadoras eficientes e ativos, como o estoque de carbono.

Com sede, a princípio em São Paulo (SP), a Associação contará com estatutos e instrumentos jurídicos próprios e estará aberta ao produtor em diferentes estágios de produção, com sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF) em andamento ou em fase inicial de planejamento.

A entidade, por meio de capacitações, orientações e convênios tem o anseio de inserir o produtor rural em um mercado mundial, que demanda escala, sustentabilidade e qualidade. “Temos exigência não somente





de carne com qualidade superior, mas produzida igualmente em condições elevadas. O Conceito CCN atende esses requisitos”, reforça o especialista em direito administrativo.

Entre os convênios futuros, um com a Embrapa está nos planos da ABCCN. Com a instituição de pesquisa a proposta passará pela promoção de cursos, acompanhamentos e suporte técnico à entidade. A pesquisadora da Unidade Gado de Corte (Campo Grande-MS), Fabiana Villa Alves, uma das idealizadoras da Marca CCN, palestrará nessa primeira assembleia sobre o projeto CCN e suas características.

## URUGUAY

### Iniciaron primeros embarques a JAPON

#### ***Mercado quedó operativo con 16 frigoríficos Se podrá colocar hamburguesas y otros productos***

07/02/2019 - El Ministerio de Agricultura, Silvicultura y Pesca de Japón confirmó la habilitación de las 16 plantas frigoríficas que se habían postulado para exportar carne bovina desosada y madurada a ese mercado de alta exigencia.

Sin embargo, lo más importante es que, a partir de ahora, la División Industria Animal del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, es la que tiene la potestad de prelistar o designar los frigoríficos que quieran exportar a ese mercado, siempre y cuando cumplan con las exigencias impuestas. También podrá deslistar empresas ante cualquier insuceso. De este modo, no hará falta que venga otra auditoría japonesa para recorrer las empresas cárnicas.

La habilitación del mercado nipón es para carne bovina desosada y madurada, tanto enfriada como congelada, confirmó el titular de la División Industria Animal, Gustavo Rossi, quien junto al director de Asuntos Internacionales, Rodolfo Camarosano, acompañó al ministro Enzo Benech que anunció la apertura. La apertura corre a partir de las faenas realizadas ayer.

Uruguay es el primer país libre de fiebre aftosa con vacunación que logra entrar con su carne en Japón — lo mismo pasó en Corea del Sur— que es un país libre de aftosa sin vacuna y por consiguiente, impone las más altas exigencias sanitarias a los países que le quieren vender su carne.

Ventaja. Pero hay otra ventaja. También se podrá entrar a Japón con hamburguesas, “siempre y cuando sean de carne picada y grasa”, confirmó Rossi. Ese es un paso posterior y para lograrlo, “vendrá una lista —en breve— que implica la habilitación de otros establecimientos designados. Se va a incluir la planta de enlatado (corned beef), la planta de carne deshidratada, dos plantas de hamburguesas y productos cárnicos”, confirmó el jerarca del MGAP. También están contemplados en esa inclusión dos cámaras frigoríficas.

La habilitación del mercado japonés llevó 19 años, pues los últimos envíos de carne fueron en 2000, cuando Uruguay todavía era un país libre de fiebre aftosa sin vacunación y podía entrar con corte con hueso, así como con algunas menudencias como lenguas bovinas, entre otras. Hoy la canasta de cortes es diferente: no se puede entrar con carne con hueso, ni con menudencias.

La habilitación del ingreso de hamburguesas es un paso importante para Uruguay, pues ese producto ni siquiera está habilitado en Estados Unidos, donde también se lleva varios años negociando su ingreso. En definitiva, ratifica la confianza en las certificaciones país, el sistema productivo y la trazabilidad que aplica Uruguay.

Confianza. El ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, aseguró a la prensa que Japón “cumplió lo que había prometido: habilitar el ingreso de carne vacuna desosada y madurada. Anoche (por el miércoles) recibimos la comunicación formal de las 16 plantas frigoríficas en Uruguay habilitadas para exportar. Es una noticia bien importante por lo que significa”, admitió.

Más allá de lo comercial, donde ahora el sector privado (los frigoríficos) será el que se encargará de los negocios, lo importante es que Japón “es un mercado altamente exigente. En base a nuestro estatus sanitario, a la trazabilidad y al trabajo entre productores y técnicos, Japón entendió que estamos en condiciones de llegar a ese mercado”, resaltó Benech.

El jerarca dijo que “es una satisfacción, no sólo por lo que significa el mercado japonés, sino por lo que significa tener este aval. Es una excelente carta de presentación para el resto del mundo”.

A su vez, para el presidente de la Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay y director de Grupo Marfrig para Uruguay, Marcelo Secco, la comunicación de Japón “es una muy buena señal” que “ahora nos desafía a ponernos los zapatos y salir a la cancha”.

Secco dijo que la habilitación es para exportar “carne sin hueso enfriada y congelada” que se puede colocar “en cortes o bloques”, además se validó “galpones de frío y plantas de carne procesada, siempre que sea con la misma materia prima habilitada”. Ahora las empresas podrán comenzar a hablar de negocios.



## **¿Que implica la apertura de Japón?**

09/02/2019 - Desafíos y oportunidades para las carnes tras el tan esperado anuncio de estas horas.

Fueron casi dos décadas de espera. En el año 2000, cuando Uruguay todavía era un país libre de aftosa sin vacunación, se realizó la última exportación de carne vacuna a Japón. Después, ingresó la aftosa por el Norte y el mercado de alta exigencia sanitaria cerró sus puertos.

Diecinueve años más tarde, y tras varios intercambios, estudios y auditorías, las autoridades del país asiático enviaron una nota para confirmar la reapertura del mercado y la habilitación de 16 frigoríficos que podrán iniciar los negocios para concretar los primeros envíos.

Uruguay pasó a ser el primer país en ingresar a Japón con un estatus sanitario de libre de aftosa con vacunación. El ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), Enzo Benech, aseguró que es una “gran alegría” y una “excelente carta de presentación”, que tiene como principal pilar a la “trazabilidad ganadera”.

Resolución.

La autorización permite vender carne bovina desosada y madurada, tanto enfriada como congelada. Sin embargo, queda afuera de todo acuerdo la carne con hueso y algunas menudencias, que son altamente valoradas por los consumidores japoneses, como la lengua.

En diciembre del 2018, el presidente del Instituto Nacional de Carnes, Federico Stanham, aseguraba que el regreso a Japón ofrecía a las empresas exportadoras un mercado “muy atractivo” porque es un “gran comprador” y de “distintos tipos de productos”.

“Es un importante comprador de carne a nivel mundial que tiene una economía madura, un alto poder adquisitivo y un consumo del producto que tiende a aumentar”, explicó Stanham y resaltó: “Es bienvenido acceder a un mercado en crecimiento”. Al mismo tiempo, destacó la variedad de productos que compra el mercado japonés, algo que resulta “tremendamente importante” para Uruguay. “El animal produce un 10% de cortes finos y un 90% de cortes no finos, y en nuestro país, que se exporta el 73% de lo que se produce, necesitamos mercados que sean atractivos en la demanda”, sumó.

Aranceles.

Un tema de preocupación es la carga arancelaria. Uruguay deberá pagar 38,5% para ingresar con los productos a Japón, mismo porcentaje que los Estados Unidos. Pero muy superior al de Australia, que cuenta con un Tratado de Libre Comercio (TLC) que le permite un acceso de preferencia para sus carnes: paga 27,2% de arancel e irá bajando hasta 19,5% en 2032.

Las plantas.

Las 16 industrias habilitadas corresponden a las cuatro plantas de Marfrig (Establecimiento Colonia, Frigorífico Tacuarembó, Inaler y Cledinor), las tres de Minerva (Frigorífico Carrasco, Frigorífico Canelones y Frigorífico Pul), además de Frigoyí, Frigorífico Sarubbi, Solís Meat Uruguay, Lorsinal, Copayán, Breeders & Packers Uruguay, Frigorífico San Jacinto, Frigorífico Las Piedras y Frigorífico Pando. De las principales 20 plantas del país, aún no han sido aprobadas Las Moras (Chiadel), Casablanca, Rosario y Frigorífico Florida.

El director de Industria Animal del MGAP, Gustavo Rossi, explicó que también se podrán exportar hamburguesas, “siempre y cuando sean de carne picada y grasa”. Será un paso posterior y para lograrlo, “vendrá una lista -en breve- que implica la habilitación de otros establecimientos designados. Se va a incluir la planta de enlatado (corned beef), planta de carne deshidratada, dos plantas de hamburguesas y productos cárnicos”, confirmó. También están contempladas, en esa inclusión, dos cámaras frigoríficas.

La división de Industria Animal del Ministerio de Ganadería tendrá la potestad de pre listar o designar los frigoríficos que quieran exportar a ese mercado, siempre y cuando cumplan con las exigencias impuestas. También podrá quitar de la lista a las empresas ante cualquier insuceso. De este modo, no hará falta que venga otra auditoría japonesa para recorrer las empresas cárnicas.

Optimismo.

El CEO de Grupo Marfrig para el Cono Sur, Dr. Marcelo Secco, se mostró optimista tras la habilitación y afirmó que “es una muy buena señal” que “ahora nos desafía a ponernos los zapatos y salir a la cancha”. En la actualidad, Marfrig es propietaria de la empresa norteamericana National Beef, que exporta carne vacuna y cuenta con sede en Japón, que le permite arrancar a trabajar en las relaciones comerciales con el mercado en un punto avanzando frente a otras compañías.

El Dr. Secco aseguró que Japón es un cliente “delicado” para las compras de carne y, por el contrario, “no es masivo”. Explicó que más allá de la preponderancia que tomó Estados Unidos en el país asiático, el principal competidor para Uruguay será Australia. “Están más cerca, tienen menos tiempo de tránsito para los productos y diferencia arancelaria; aunque también es cierto que han experimentado un sobre estrés en la producción por la sequía y eso nos da competencia”.

El empresario reiteró que “no será un mercado que vaya a ser masivo para la carne de grano ni de pasto”, sino que “será un mercado donde debemos sacar muchas cuentas”. En lo que refiere a lo ordenado y formal, Secco considera que es una “buena oportunidad para establecer relaciones comerciales de más largo plazo”.



Consumo.

Rafael Tardáguila, director de Tardáguila Agromercados, señaló a El País que Japón “no es un gran consumidor de carnes” porque “está muy protegido”. Contó que el producto es “extremadamente caro” y, según las proyecciones del Departamento de Agricultura de los Estados Unidos para el año actual, se prevé un consumo de 1,32 millones de toneladas peso carcasa, un aproximado de 10 kilos por persona.

Aseguró que el país importa más del 60% del consumo anual, unas 860 mil toneladas, y tienen como proveedores a Australia (52%) y a Estados Unidos (40%) que equivale un 92% del total entre ambos países. También ingresa carne de Nueva Zelanda y Canadá, pero con volúmenes poco significativos. Las proporciones son similares entre el congelado y el enfriado.

### ***Sale hoy el primer embarque de carne uruguaya a Japón***

12/02/2019 Son cinco frigoríficos que envían más 6 toneladas vía aérea y pronto se irán sumando más empresas.

Se embarcan hoy, vía aérea, hacia Japón las primeras muestras de carne vacuna uruguaya desosada y madurada tras 19 años de espera. El mercado nipón había cerrado sus puertas a la carne vacuna uruguaya tras los focos de fiebre aftosa de 2.000, que sólo afectaron al departamento de Artigas.

La cadena cárnica uruguaya está cumpliendo el sueño del pibe, vuelve a vender —ahora cortes madurados y desosados— a uno de los mercados más exigentes del mundo, siendo Uruguay un país libre de fiebre aftosa con vacunación. Cuando vendía en el 2.000, era libre de fiebre aftosa y como tal, tenía la posibilidad de colocar cortes con hueso, tendones y algunas menudencias como lenguas bovinas.

Este primer envío, sale en la mañana de hoy desde la terminal de cargas del Aeropuerto de Carrasco, está compuesto por: entre 1 y 1,2 toneladas de Frigorífico Las Piedras; 2 toneladas (enfriado y congelado) de Frigorífico Pando; 3 toneladas de enfriado del Grupo Marfrig; 800 kilos de Nipponham Group (ex Frigorífico BPU) y 1 tonelada del Grupo Minerva. Va carne de vacunos alimentados a pasto y terminados a granos. En caso de Frigorífico Pando, el cliente está en Uruguay supervisando toda la operativa de carga, según supo El País.

Parte de la carne enviada en este primer embarque tiene por destino la feria Foodex 2019, una de las más importantes de Asia en materia de carne y alimentos, que comienza el próximo 5 y se extiende hasta el 8 de marzo, en Tokio.

En principio Uruguay tiene habilitados 16 frigoríficos —todos los que se postularon— para exportar a Japón, pero la gran ventaja es que, a partir de ahora, la División Industria Animal del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, es la que tiene la potestad de prelistar o designar los frigoríficos que quieran exportar a ese mercado, siempre y cuando cumplan con las exigencias impuestas, según confirmó la semana pasada el director de la División Industria Animal del MGAP, Dr. Gustavo Rossi. También podrá deslistar empresas ante cualquier insuceso. De este modo, no hará falta que venga otra auditoría japonesa para recorrer las empresas cárnicas.

No deja de ser importante contar con la ventaja de entrar en Japón con hamburguesas, “siempre y cuando sean de carne picada y grasa”, confirmó Rossi. Ese es un paso posterior y para lograrlo, “vendrá una lista —en breve— que implica la habilitación de otros establecimientos designados. Se va a incluir la planta de enlatado (corned beef), la planta de carne deshidratada, dos plantas de hamburguesas y productos cárnicos”, confirmó el jerarca del MGAP. También están contemplados en esa inclusión dos cámaras frigoríficas.

En las próximas semanas más empresas enviarán sus cortes, buscando consolidar una corriente comercial, en algunos casos, restableciendo contacto con sus antiguos clientes. En los negocios pesa bastante el arancel de casi 39% que paga la carne uruguaya al entrar en Japón, contrastando con el arancel de Australia que es bastante más bajo.

### ***Cadena cárnica de fiesta con primer envío a Japón***

13/02/2019 - Ya van en camino más de 4.700 kilos. Son cortes sin hueso.

Más de 4.700 kilos de carne vacuna uruguaya, desosada y madurada —entre cortes y productos congelados y enfriados—, va rumbo a Japón, en el marco del primer embarque luego de 19 años de gestiones sanitarias y diplomáticas para retomar el mercado.

Los últimos envíos fueron en el 2.000, previo a la epidemia de fiebre aftosa que afectó al departamento de Artigas, donde Uruguay perdía la categoría de país libre de la enfermedad sin vacunación.

En las próximas horas, los Grupos Minerva, Marfrig y Frigorífico “San Jacinto”, harán sus embarque, buscando consolidar una corriente comercial, tanto para carne producida a pasto, como para la procedente de vacunos terminados a granos previo a la faena.

Luego de cargar los contenedores en el avión, en el marco de una conferencia de prensa, celebrada en el Aeropuerto de Carrasco, el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham explicó la importancia del mercado japonés y lo que significa para el complejo cárnico uruguayo poder entrar con sus productos en uno de los mercados más exigentes del mundo.



“Es uno de los principales importadores de carne y uno de los países con más altas exigencias sanitarias y de calidad. Eso habla muy bien de todo el sistema cárnico uruguayo”, afirmó el jerarca.

La reapertura es fruto del esfuerzo del sector público y el privado. “Uruguay tiene una ganadería que es ejemplo en el mundo y una industria de procesamiento y exportación que está en la cima de la calidad a nivel mundial y eso también es parte del reconocimiento que Japón no está dando con esta apertura”, dijo Stanham.

Para el jerarca, el trabajo del INAC “empieza ahora” y es “ayudar a posicionar a las carnes uruguayas de la mejor manera en este mercado”.

El primer paso será la feria Foodex Tokio —a celebrarse del 4 al 8 de marzo—, una de las principales de Asia, en la que INAC junto con UruguayXXI estará presente con stand compartido. En el stand de INAC van a estar participando prácticamente “todas las empresas habilitadas desde el pasado 7 de febrero. Es un mercado que, según nos explican los exportadores, será de maduración lenta, con desarrollo de negocios cuidadoso, pero muy consistente y sostenible a largo plazo”, estimó el presidente del INAC.

Confianza. A su vez, la consejera de la Embajada de Japón en Uruguay, Tomoko Kubota, agradeció el esfuerzo que hizo Uruguay para reabrir el mercado.

La diplomática recordó que el año pasado hubo una reunión en Uruguay con el primer ministro nipón Shinzo Abe para avanzar en la reapertura y finalmente se llegó “a este día histórico. Estoy muy emocionada”.

Kubota exhortó al gobierno uruguayo y el sector privado a “desarrollar lazos de amistad y estructurar el comercio entre los dos países” y contó que “a los japoneses les gusta mucho la carne”.

Conocedora de las bondades y calidad de la carne vacuna que produce Uruguay, a cielo abierto, sobre pasturas naturales y sin hormonas ni anabólicos, Kubota dijo tener “una gran confianza con la calidad y el sabor de la carne uruguaya”, por lo que auguró “un gran éxito en el mercado japonés”. Y fue más a fondo aún: “me encanta la carne uruguaya”, dijo sonriente.

En 2021, Japón y Uruguay celebrarán el centenario de relaciones bilaterales. “Esperemos desarrollar más la relación entre los dos países”, afirmó la diplomática. Equipo. El ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Enzo Benech, tampoco pudo ocultar su emoción, pero marcó desde el arranque que el mérito de reabrir Japón para la carne vacuna uruguaya, “es fruto del trabajo interinstitucional, del trabajo entre el sector público y el privado. Es también un logro de todos los uruguayos”.

Benech recordó que a lo largo de estos 19 años que demandaron la reapertura de este mercado de alto valor —Uruguay es el primer país libre de fiebre aftosa con vacunación que entra con su carne—, “hubo mucha gente que trabajó e hizo un esfuerzo grande”.

Mirando hacia adelante, estimó que la reapertura “marca el comienzo de una nueva relación comercial, que a mi juicio tiene muchas posibilidades”.

Le explicó a la consejera nipona que los uruguayos comen mucha carne, el consumo per capita es uno de los más altos del mundo y “sería imposible consumir todo lo que se produce”. Por eso destacó que “para los uruguayos venderle carne a los mejores mercados, a los más exigentes, es todo un gran desafío”, dijo Benech.

No perdió la oportunidad de agradecer a las autoridades de la Embajada de Japón en Uruguay “la buena disposición y el compromiso” que pusieron en el trabajo de reapertura de este mercado.

“Apuesto a la complementariedad entre los dos países, apuesto a que esto sea el comienzo de una larga relación cada vez más fructífera. Retomar la colocación de carne es el puntapié para vender otros productos o para mejores relaciones comerciales”, afirmó el representante del Ejecutivo.

Japón es un país desarrollado y con una población elevada y de altos ingresos. “Uruguay vive de vender comida”, destacó Benech. Todo está jugado a que el mes que viene, durante la feria de Foodex Tokio, se puedan profundizar los negocios y destacar algunos productos.

### ***Salió el primer embarque de hamburguesas uruguayas hacia Japón***

14/02/2019 - Marfrig Global Foods abrió camino para innovador negocio.

Marfrig Global Foods concretó desde Uruguay la primera exportación de hamburguesas a Tokio, innovando la corriente comercial con uno de los mercados más exigentes del mundo, tanto en sanidad, como en calidad.

El primer embarque de la compañía, que es una de las líderes mundiales en la producción de carne bovina, también está compuesto por una serie de cortes vacunos refrigerados, desosados y madurados, buscando afianzar una corriente comercial con sus clientes.

Según informó la compañía, las hamburguesas serán comercializadas en suelo nipón por National Beef, principal exportadora de carne refrigerada de Estados Unidos a Japón y que integra la operación de la compañía en América del Norte.

Cabe señalar que Marfrig cuenta en Uruguay con dos fábricas elaboradoras de hamburguesas, ubicadas en Colonia y Tacuarembó. La compañía tiene capacidad de producción de 500 toneladas por mes y es proveedora certificada global de las principales redes de fast food internacionales.





Japón es un alto consumidor de hamburguesas y es un gran paso Uruguay la habilitación de este producto, pues está demostrando la confianza que tienen las autoridades niponas en las certificaciones y la calidad de la carne exportada con Uruguay, país donde la trazabilidad de todo el rodeo bovino es obligatoria.

El mercado japonés quedó operativo a partir de las faenas del pasado martes 12 y son 16 las empresas habilitadas, en esta primera instancia, para poder llegar con sus producciones. El primer embarque con más de 4.000 kilos de carne bovina congelada y refrigerada de tres frigoríficos, partió del Aeropuerto Internacional de Carrasco el pasado miércoles. Con ese envío se retomó la corriente comercial tras 19 años de espera, pues este destino había cerrado sus puertas en el 2.000, cuando un brote de fiebre aftosa afectó al departamento de Artigas. Con esa epidemia, Uruguay perdía su status de país libre de fiebre aftosa sin vacunación.

Hoy, la ganadería uruguaya es la única de un país que todavía vacuna contra aftosa que logra entrar en Japón y en Corea del Sur, países libres de la enfermedad.

El grupo Marfrig tiene 35 unidades productivas en América del Sur y América del Norte generando más de 30.000 empleos, pero la operativa desde Uruguay, es clave para la compañía. Es que le permite ingresar a mercados de más alto valor con productos diferenciados, pues se produce a cielo abierto, sobre pasturas naturales, respetando el bienestar animal y el medio ambiente, pero lo que todavía es más importante, es que no se usan hormonas, ni anabólicos durante el engorde. De este modo se llega a un producto de elite.

### ***BPU mandó carne a pasto para un cliente con varias parrilladas.***

13/02/2019 "Es un gol que hay que gritar fuerte, sacarse la camiseta y salir. Japón significa mucho para Uruguay como mercado, pero también abre una diversificación importante en los mercados de Asia donde está el crecimiento del consumo", afirmó Daniel De Mattos, gerente de Frigorífico BPU (Grupo Nipponham).

Explicó que "tener la oportunidad de entrar en Japón es uno de los eventos más importantes de los últimos años". La empresa centró el embarque en "cortes del delantero, de alta calidad, que se adaptan al consumo japonés de parrilladas. Van para un solo cliente que ya testeó carne de pasto de otros orígenes. Si nos posicionamos en ese segmento de mercado es una buena oportunidad", destacó De Mattos.

Según la visión del ejecutivo de Nipponham, "habrá oportunidades para cortes del delantero, trimmings y algo de cortes de la rueda, así como carne para procesamiento. Esos son los productos que pueden destacarse en el corto plazo", afirmó De Mattos.

### **Dos nuevos frigoríficos uruguayos habilitados para exportar carne a China**

14 de febrero de 2019 Luego de la firma del nuevo protocolo sanitario para exportar carne vacuna al gigante asiático, China habilitó dos de las tres plantas frigoríficas propuestas por el Ministerio de Ganadería Agricultura y Pesca (MGAP). La tercera está en una etapa de ampliación de información para acceder al mercado.

Gustavo Rossi, director de la División Industria Animal del MGAP, dijo a Tiempo de Cambio que las nuevas plantas habilitadas son Somicar de Salto y el depósito Frigorífico Modelo 20. La tercera por habilitarse es Copayán de Rocha. "A su vez se presentó una nota solicitando auditoría y habilitación de Clademar de Florida y se hizo la invitación a auditar plantas de carne equina y de harinas de carne".

El 3 de diciembre del 2018 Uruguay renovó el protocolo sanitario para exportar carne vacuna al gigante asiático, en el que se habilita el ingreso de la carne con y sin hueso (enfriada y congelada) y menudencias -a excepción de lengua y quijada-.

### **Protocolo sanitario para Eurasia permitiría la exportación en pie a Rusia**

14 de febrero de 2019 Empresarios uruguayos iniciaron negociaciones con Kazajstán -país de Asia central- que demostró interés en la genética bovina uruguaya.

Alejandro Dutra informó a Tiempo de Cambio de radio Rural que "Lo interesante y novedoso es que el protocolo sanitario para exportar a este país abarca la zona de Eurasia, lo que permitiría ingresar a Rusia".

"Ya había un protocolo para exportar ganado para engorde, al que se le incluyó otro protocolo para exportar ganado para cría y reproducción", explicó Dutra.

En marzo, una delegación de Kazajstán viajará a Uruguay para asistir al Secretariado Mundial de Angus con interés por esta raza y por Hereford -genética con la que ya cuentan desde hace varios años-.



### **Empresas privadas turcas consiguen nuevos permisos para importar ganado en pie**

14 de febrero de 2019 Este martes (12) Rodrigo González, de Escoltix anunció mediante la red social Twitter que varias empresas turcas tenían permisos para importar ganado en pie, luego de que a fines de 2018 se suspendieran las compras por tiempo indefinido.

Alejandro Dutra, de Escritorio Dutra y ex presidente de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie, dijo a Tiempo de Cambio de radio Rural que "hay nuevos permisos para exportar ganado en pie a privados en Turquía pero no se han cerrado negocios aún por un tema de precios. Estamos compitiendo con Brasil con valores por debajo".

"Hoy en día ninguna de las empresas uruguayas ha logrado cerrar negocios con privados turcos, salvo los negocios ya pactados con el Gobierno", explicó Dutra.

Según González "el problema son los precios que proponen, que se ubican entre 30 y 40 centavos de dólar por debajo del costo por kilo".

El 24 de diciembre se anunció que Turquía suspendía las compras de ganado en pie por tiempo indefinido a todos sus abastecedores y que aquellas empresas que ya tenían negocios pactados podrían enviar sus ganados, pero no concretar nuevas ventas. La causa principal fue la sobreoferta de ganado y una baja en el precio de la carne.

### **Brexit se presenta como una oportunidad para retomar vínculos comerciales con el Reino Unido**

14 de febrero de 2019 El próximo 29 de marzo es la fecha designada para que se concrete la salida del Reino Unido de la Unión Europea -Brexit-. Algunas voces son optimistas respecto a las oportunidades que puede generar el Brexit para las economías de América Latina. Posiblemente podrá agilizar su comercio con otras regiones del mundo, firmando nuevos y más eficientes tratados de libre comercio.

Gastón Scayola, gerente del Frigorífico San Jacinto-Nirea dijo a Tiempo de Cambio de radio Rural que "el Reino Unido no ha logrado armar todos los mecanismos desde el punto de vista comercial, de organizar todo su abastecimiento. Inevitablemente se puede producir alguna situación en la que Reino Unido tenga que facilitar la importación de alimentos y esto puede generar una oportunidad para Uruguay de retomar vínculos comerciales".

Scayola viajó a Londres y Bruselas la semana pasada junto con otros integrantes de la junta directiva del Instituto Nacional de Carnes, encabezada por el presidente del instituto, Federico Stanham.

El Reino Unido fue en 2018, el cuarto principal destino de la carne uruguaya dentro del bloque europeo. El año pasado se enviaron a ese destino 4.690 toneladas peso canal por US\$ 27 millones. De ese total, 1.577 toneladas fueron de carne vacuna refrigerada y 3.113 toneladas de carne enfriada. En 2018 el volumen enviado a ese destino mostró una suba interanual de 46% respecto a las 3.218 exportadas por Uruguay en 2017. Y fue el más alto de los últimos tres años.

Para Uruguay, al no existir un acuerdo MERCOSUR-UE, las negociaciones comerciales por el retiro del Reino Unido de la UE se llevan a cabo en la OMC en Ginebra. En principio -de finalmente concretarse el Brexit- se transferiría el tratamiento comercial existente con la UE a la nueva relación comercial con el Reino Unido, salvo el capítulo agrícola que es motivo de negociaciones específicas, explicó a Ganadería una alta fuente diplomática.

"En éstas, el Reino Unido en coordinación con la UE pretende fijar cuotas para la importación de carne bovina, ovina, etc. en función de la utilización que hizo de las actuales cuotas europeas en los tres años anteriores al referéndum del Brexit. Ese enfoque no es aceptable para Uruguay y los otros países que exportan productos agrícolas bajo cuotas al mercado europeo. Lo correcto es renegociar al amparo del art. 28 del GATT 1994", explicó.

La fuente señaló que por entender que lo propuesto por el Reino Unido no está de acuerdo con lo establecido en el régimen jurídico de la OMC y perjudicaría entonces el acceso de Uruguay al mercado, se lo ha rechazado formalmente y el Reino Unido ha aceptado negociar bajo dicho artículo. Lo mismo se ha dado con la UE. Por ahora sin mayores avances.

El lobby de los productores británicos tendría gran incidencia en la postura proteccionista que pretende trasladar el Reino Unido a la era post Brexit, apuntando a que cuando llegue ese momento -si finalmente se concreta- no se debe abrir indiscriminadamente el mercado del Reino Unido argumentando que se corre el riesgo de ingreso de productos alimentarios de baja calidad, utilizando el episodio de la carne fraca de Brasil para respaldar esas afirmaciones.

## **PARAGUAY**

### **Frigoríficos presionan a la baja los precios de las haciendas gordas**

15/02/2019 - El novillo UE cotiza US\$ 2,95 en cuarta balanza. El mercado de haciendas gordas en Paraguay cierra una semana con debilidad. Según publicó Faxcarne, la principal causa está relacionado a



una mayor oferta de animales preparados. El informe indica que los productores, en la medida que iban cerrando el periodo de vacunación contra la fiebre aftosa, fueron enviando ganado a las plantas.

En ese sentido, los frigoríficos “aprovecharon” para reducir los precios de lista en unos 5 centavos de dólar.

El novillo común pasó a cotizar US\$ 2,85 y la vaca US\$ 2,70 el kilo en cuarta balanza. El novillo trazado para la Unión Europea se valora en US\$ 2,95. Un comprador de hacienda dijo que “la industria está comprada y presiona los precios”

### **Exitosa participación de frigoríficos paraguayos en PRODEXPO Moscú**

14/02/19 - por Equipe BeefPoint Os primeiros dias da feira russa de alimentos Prodexpo, que acontece de 11 a 15 de fevereiro em Moscou, foram caracterizados por uma grande atividade no estande do Paraguai e importantes contatos comerciais foram feitos, além de fortalecer os clientes já consolidados. Houve um grande interesse na carne paraguaia, informaram da Câmara Paraguaia de Carne (CPC).

Daniel Burt, gerente da CPC, informou que as empresas frigoríficas FrigoChorti, Frigochaco, Frigorífico Guaraní, Upisa e Minerva Foods estão participando do evento.

Ele comentou que há muita atividade no estande do Paraguai e muitos interessados em produtos nacionais. Ele ressaltou que essa é a feira de alimentos mais importante na Rússia, e arredores, e que a posição do país tem uma presença importante como exportador de carne bovina, suína e de aves.

Ele disse que a Rússia é o mercado internacional mais importante para a carne paraguaia e que no ano passado foi responsável por mais de 40% das exportações.

A feira internacional de alimentos, bebidas e matérias-primas alimentares, apresenta cerca de 2.342 expositores de 63 países.

Em 2018, as exportações de carne bovina para o mercado russo totalizaram 142,2 mil toneladas, volume que representou um aumento de 60,7% em relação às 88,5 mil toneladas exportadas em 2017, segundo o relatório mensal de comércio exterior do Banco Central do Paraguai (BCP).

Os embarques de carne para a Rússia geraram uma receita de US \$ 470,5 milhões, o que corresponde a um crescimento de 79,2% em relação aos US \$ 262,2 milhões registrados em 2017.

O preço médio de exportação de carne para o mercado russo melhorou 11,5% e foi da ordem de US \$ 3.309 por tonelada.

Ao longo de 2018, o mercado russo foi caracterizado por uma forte demanda por carnes paraguayas e uma melhora nos preços em comparação com a safra anterior.

### **Adecuación de precios afectó ingresos por carne**

11 de febrero de 2019 | depreciación regional obligó a equiparar para competir

Los ingresos por exportación de la carne bajaron alrededor del 12.5% en el primer mes del año, esto por un menor precio cotizado del producto a nivel internacional. Esto, si bien impactó en las ganancias del sector, fue necesario para mantener los mercados, indicaron expertos del rubro.

El ingeniero Luis Pettengill, titular de la Cámara Paraguaya de la Carne, indicó que en el 2018 la caída de los ingresos tuvo como principal explicación la reducción del precio del producto a fin de mantener la competitividad en los principales mercados, tendencia que nuevamente se verificó en los resultados del primer mes de este año

De acuerdo con los datos del Banco Central del Paraguay (BCP), los ingresos por exportación de carne totalizaron US\$ 84,5 millones que representó una caída en la recaudación en orden del 12,5% en comparación a enero de 2018, por unas 23.000 toneladas del producto. La cantidad exportada en enero pasado que fue inferior en 4% al vendido en igual periodo del año pasado.

Pettengill detalló que tras la fuerte depreciación de la moneda argentina y la brasileña en el último año, sus precios quedaron muy por debajo de los nuestros, situación que obligó a adecuar nuestros precios para no perder competitividad

Según se puede observar en el reporte de comercio exterior del BCP, que en este primer mes se exportó carne vacuna a Rusia por US\$ 28,4 millones por unas 10.100 toneladas (US\$ 2.811 por tonelada). El año pasado en el mismo mes se exportaron 10.500 toneladas por valor de US\$ 34,3 millones (US\$ 3.266 por tonelada).

Además se exportó a Chile 6,3 mil toneladas de carne vacuna generando ingresos por US\$ 28,4 millones (US\$ 4.428 por tonelada). Al comparar con enero de 2018, se verificó una reducción del 9% en los ingresos de este primer mes, por la misma cantidad exportada en dicho periodo. La cotización en enero de 2018 llegaba a US\$ 4.857 por tonelada, según cálculos realizados en base a datos del BCP.

Pese a las dificultades en materia de precios, el titular de la Cámara de la Carne espera que las condiciones económicas de los vecinos mejoren hacia adelante, lo que permitirá fortalecer sus monedas y manejar un mejor precio de este y otros productos con los cuales competimos.

Además de factor precio, en enero también hubo otras particularidades que pesaron en los resultados, como las previsiones y mejoramiento de las plantas y el inicio del periodo de vacunación.



Con respecto al mejoramiento de las plantas procesadoras, Pettengill detalló que está en puerta una evaluación internacional, lo que apresura a los productores renovar y equipar adecuadamente sus establecimientos. Pettengill indicó finalmente que fue una situación puntual en enero y que se espera subsanar el ritmo de faenamiento este mes de febrero y marzo próximo, ya que la oferta del producto es abundante, hay suficiente ganando y de calidad, aseguró el empresario.

### **Paraguay se obliga a aumentar la tasa de procreo en los próximos años**

12/02/2019 - También aspiran a crear la Cámara Paraguaya de la Carne.

La ganadería paraguaya se desafía, en el futuro cercano, a aumentar la tasa de procreo para disponer de una mayor cantidad de animales y mejorar los niveles de faena, explicó Luis Enrique Villasanti, presidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP).

Tras la consulta de por qué bajó la faena de vacunos en 2018, Villasanti respondió que "existen miles de factores a tener en cuenta" pero que "la responsabilidad más grande es no aumentar la tasa de procreo". Y agregó: "Creo que este año vamos a aumentar otra vez en un porcentaje importante y, al aumentar el hato ganadero, vamos a tener buenos volúmenes de exportación".

También se refirió a la necesidad de crear el instituto paraguayo de la carne. Dijo que están trabajando muy bien en forma conjunta con la Cámara Paraguaya de Carnes. "Es una necesidad para el país, porque es una forma de poder tener una tipificación y clasificación de nuestra carne", dijo y agregó que la creación de esa estructura es un desafío muy grande y que será la única forma de poder llegar a todos esos mercados premium que se necesitan llegar.

## **UNION EUROPEA**

### **Cuota 481 posiblemente sin cambios hasta junio de 2020**

14 de febrero de 2019 Gastón Scayola, gerente del Frigorífico San Jacinto, dijo a Tiempo de Cambio que por más que se llegue rápidamente a un acuerdo entre la Unión Europea y Estados Unidos -quién reclama una participación fija de la cuota- difícilmente pueda haber algún tipo de cambio para Uruguay hasta el 30 de junio de 2020.

Semanas atrás la comisionada de comercio de la UE, Cecilia Malmström informó que la UE no incluirá a los bienes agrícolas en las negociaciones comerciales con EEUU. Por lo que las negociaciones respecto a la Cuota 481 estarían por fuera.

Respecto a este tema Scayola explicó que "las negociaciones entre EEUU y la UE son muy difíciles y el tema Cuota 481 es independiente y previo a cualquier negociación por tratado de libre comercio".

"Ha habido demostraciones claras por parte de EEUU respecto a obtener una participación importante de esa Cuota que fue creada para ellos y que ese proceso se de o no, depende de la presión que ejerza el sector privado estadounidense. Más allá de eso, Europa está más interesada en avanzar en acuerdos de libre comercio con el Mercosur como con Australia", señaló Scayola.

### **Acuerdo UE – SINGAPUR entró en vigencia**

European Commission - Press release Brussels, 13 February 2019

The trade and investment agreements between the EU and Singapore have today received the approval of the European Parliament. The Parliament has also given its green light to the Partnership and Cooperation Agreement.

This marks an important step towards their entry into force, boosting the EU economic relations and cooperation with Singapore and leading to an increased presence in the fast-growing Southeast Asian region.

President of the European Commission Jean-Claude Juncker said: "The European Parliament's approval of the EU-Singapore trade and investment agreements marks a historical moment. This is the European Union's first bilateral trade agreement with a Southeast Asian country, a building block towards a closer relationship between Europe and one of the most dynamic regions in the world. We are forging closer economic and political ties with friends and partners who, like us, believe in open, reciprocal and rules-based trade. This is yet another win-win trade agreement negotiated by the European Union, an agreement that will create new opportunities for European producers, workers, farmers and consumers, while at the same time promoting cooperation and multilateralism."

Commissioner for Trade Cecilia Malmström said: "In uncertain times, we need agreements like these more than ever. They will help Europe and Singapore to prosper, boosting our trade and strengthening an already essential relationship. The agreements will benefit workers and farmers, as well as small and big companies on both sides. They include a strong commitment to human and labour rights and to protecting the environment. This is yet another signal that open, fair and rules-based global trade is here to stay."

Singapore is by far the EU's largest trading partner in the Southeast Asian region, with a total bilateral trade in goods of over €53 billion and €51 billion-worth of trade in services. Over 10,000 EU companies are





established in Singapore and use it as a hub to serve the whole Pacific region. Singapore is also the number one location for European investment in Asia, with investment between the two growing rapidly in recent years: combined bilateral investment stocks reached €344 billion in 2017.

Under the trade agreement, Singapore will remove all remaining tariffs on EU products and will commit to keep unchanged the current duty-free access for all other EU products. The agreement also provides new opportunities for EU services' providers, among others in sectors such as telecommunications, environmental services, engineering, computing and maritime transport. It will also make the business environment more predictable. Singapore also agreed to remove obstacles to trade besides tariffs in key sectors, for instance by recognising the EU's safety tests for cars and many electronic appliances or accepting labels that EU companies use for textiles.

The investment protection agreement will ensure a high level of investment protection, while safeguarding the EU's and Singapore's rights to regulate and pursue public policy objectives such as the protection of public health, safety and the environment. The agreement will replace 12 bilateral investment treaties existing between EU Members and Singapore putting in place a modern common investment protection framework with a well-balanced Investment Court System for resolving investment disputes.

With both agreements, the EU has made an important stride towards setting high standards and rules for its trade and investments with the fast-growing Southeast Asian region. The agreements offer huge economic opportunities, while fully safeguarding public services and parties' right to regulate. The trade agreement also includes a comprehensive chapter on trade and sustainable development that sets the highest standards of labour, safety, environmental and consumer protection for trade and investment between the parties; as well as strengthening joint actions on sustainable development and climate change.

#### Partnership and Cooperation Agreement

EU High Representative for Foreign Affairs and Security Policy/Vice-President of the European Commission, Federica Mogherini, said: "Today's overwhelmingly positive vote in the European Parliament is good news for strengthening our relations with Singapore. In today's world you need like-minded partners and friends. Our new agreement will allow us to build on what we have already and to do more together to achieve our common goals, both on the bilateral agenda and in tackling global challenges."

The Partnership and Cooperation Agreement reinforces the existing relationship between the European Union and Singapore and builds on a shared commitment towards multilateralism and international rules-based order. This Agreement will provide the basis for more effective bilateral engagement between the EU and its Member States and Singapore by strengthening political dialogue and enhancing cooperation in a broad range of areas including sustainable development, democracy and fundamental freedoms, justice, security, connectivity, people-to-people links, information society, education and cultural exchanges as well as employment and social affairs. It will enable us to step up scientific and technological cooperation in fields such as energy, environment, fight against climate change, protection of natural resources, smart cities and transport. It will enhance cooperation on global challenges, where both Singapore and the EU play an increasingly important role, and will help address them in a more coherent way.

Negotiations for the Partnership and Cooperation Agreement started in 2005, and the High Representative/Vice-President Federica Mogherini and her counterpart, the Minister of Foreign Affairs of Singapore, Vivian Balakrishnan, signed the agreement in the margins of the ASEM Summit on 19 October 2018. The Partnership and Cooperation Agreement will need to be ratified by all EU Member States before it enters into force.

#### Next steps

The EU and Singapore signed the trade and investment agreements on 19 October 2018. Following today's vote, the trade agreement could then enter into force once Singapore concludes its own internal procedures and both sides complete the final formalities. The investment protection agreement will further need to be ratified by all EU Member States according to their own national procedures before it can enter into force.

Once in place, the agreements will be the first building block of a future region-to-region trade and investment agreement between the EU and entire ASEAN region.

### **Acuerdo para un futuro reglamento sobre la transparencia y sostenibilidad en la evaluación de riesgos en la cadena alimentaria**

12/02/2019 El Parlamento Europeo y el Consejo han alcanzado un acuerdo provisional sobre la propuesta hecha por la Comisión Europea de un Reglamento sobre la transparencia y la sostenibilidad de la evaluación de riesgos de la cadena alimentaria.

El primer vicepresidente Frans Timmermans y el comisionado Vytenis Andriukaitis, a cargo de Salud y Seguridad Alimentaria, acogieron con satisfacción el acuerdo: "el acuerdo provisional alcanzado hoy por el Parlamento Europeo, el Consejo y la Comisión Europea, luego de la conclusión positiva de un tercer trílogo, es una respuesta contundente a las preocupaciones de los ciudadanos sobre la transparencia de



los estudios científicos en el área de los alimentos. Esto ha sido logrado en menos de un año, gracias al trabajo comprometido y la participación de todas las instituciones. Hemos escuchado la llamada, especialmente expresada a través de una Iniciativa Ciudadana Europea sobre plaguicidas, para una mayor transparencia, en una etapa temprana del proceso de evaluación de riesgos, sobre los estudios presentados como parte de una solicitud de autorización. El organismo científico de evaluación de riesgos de la UE, la Autoridad Europea de Seguridad Alimentaria (EFSA, por sus siglas en inglés), también se fortalecerá con una mayor participación de los Estados miembros en su Consejo de Administración. Esto demuestra que las Iniciativas Ciudadanas Europeas apoyaron por más de 1 millón de ciudadanos europeos puede tener un impacto real en la política y la legislación de la UE. Ahora hacemos un llamado al Parlamento Europeo y al Consejo para finalizar la adopción de las nuevas reglas para que puedan implementarse lo antes posible".

Los principales elementos del acuerdo apuntan a:

**Garantizar una mayor transparencia:** los ciudadanos tendrán acceso automático a todos los estudios e información presentados por la industria en el proceso de evaluación de riesgos. Los interesados y el público en general también serán consultados sobre los estudios presentados. Al mismo tiempo, el acuerdo garantizará la confidencialidad, en circunstancias debidamente justificadas, al establecer el tipo de información que puede considerarse significativamente perjudicial para los intereses comerciales y, por lo tanto, no puede ser divulgada.

**Aumento de la independencia de los estudios:** se informará a la Autoridad Europea de Seguridad Alimentaria de todos los estudios encargados para garantizar que las empresas que soliciten autorizaciones presenten toda la información relevante y no retengan los estudios desfavorables. La Autoridad también proporcionará asesoramiento general a los solicitantes, en particular a las PYME, antes de la presentación del expediente. La Comisión puede solicitar a la Autoridad que encargue estudios adicionales para fines de verificación y puede realizar misiones de investigación para verificar el cumplimiento de los laboratorios / estudios con las normas.

**Fortalecimiento de la gobernanza y la cooperación científica:** los Estados miembros, la sociedad civil y el Parlamento Europeo participarán en la gobernanza de la Autoridad estando debidamente representados en su Consejo de Administración. Los Estados miembros fomentarán la capacidad científica de la Autoridad y contratarán a los mejores expertos independientes en su trabajo.

**Desarrollo de una comunicación de riesgos integral:** se adoptará un plan general de comunicación de riesgos que garantizará una estrategia de comunicación de riesgos coherente durante todo el proceso de análisis de riesgos, combinado con un diálogo abierto entre todas las partes interesadas.

El acuerdo provisional ahora tendrá que ser adoptado formalmente tanto por el Parlamento Europeo como por el Consejo.

### **REINO UNIDO: más de 94 mil bovinos, ovinos y aves se sacrifican sin noqueo previo**

Ellen Manning Yahoo News UK 15 February 2019

The Food Standards Agency (FSA) 2018 slaughterhouse survey includes figures on how many cattle, sheep and poultry were slaughtered, in what way, and whether they were stunned or not, as well as where they were distributed to.

According to the figures, more than 94 million cattle, sheep and poultry were slaughtered without being stunned first.

They also revealed that nearly a quarter (24%) of sheep meat – around 750,000 sheep – that was not stunned before slaughter was exported from the UK.

Currently, the legal exemption that allows animals to be slaughtered without being stunned on religious grounds is aimed for domestic consumption only.

Latest @foodgov figures show 24% of non-stunned sheep meat (equating to 750,000 sheep) was exported in 2018, which is against the spirit of the law. We're calling on the Govt to stop non-stun meat export even as we push to #EndNonStun slaughter in the UK <http://ow.ly/4ejQ30n17bR>

The British Veterinary Association (BVA) said the figures, which it has been campaigning to be released, said while most of the exported meat was intended for EU markets, the figures raise questions about where the remainder is sent.

The BVA said the survey also revealed a lack of transparency around some exports, giving an example of 19% of sheep meat recorded as going to 'unknown' locations.

BVA President Simon Doherty said: "The fact that nearly a quarter of non-stun sheep meat is being exported is highly significant, and we believe this goes against the spirit of the derogation that allows for non-stun slaughter purely for consumption by particular communities within the UK.

"It's equally concerning that the export of some non-stun meat is going unreported, with a lack of clarity around where seven per cent of non-stun sheep meat is ending up due to incomplete slaughterhouse data.



“While we’re pleased that the data has finally been made available thanks to joined-up work between the FSA and English and Welsh governments, clearly there is still a lot of work to do around ensuring that data is as robust and transparent as possible.

“We strongly believe that all non-stun slaughter should be banned in the UK in the interests of reducing welfare harm.

“However, while it continues, the government must make moves to cease the export of non-stun meat. Allowing this practice is out of keeping with legislation designed to limit it to meet domestic demand only.”

## **ESTADOS UNIDOS**

### **USDA dirimió controversia sobre 'pink slime': puede ser llamada carne picada**

14/02/19 The United States Department of Agriculture (USDA) has now reclassified the product once dubbed “pink slime,” a meat filler product described as “lean finely textured beef,” as “ground beef.”

Beef Products Inc (BPI), the South Dakota manufacturer of the product, has received approval from USDA to label its product as “ground beef.”

The reclassification comes several years after BPI filed a defamation lawsuit against ABC News in 2012 after the news organisation coined the term “pink slime” in a report about its product. In 2017, the lawsuit resulted in a settlement between ABC News and BPI for about \$177m, the highest ever in this type of corporate legal case.

The USDA’s reclassification of the product was based on “an extensive review that took well over six months and included consumer reviews, [and] nutritional panels,” BPI Vice President of Engineering Nick Ross told Beef Magazine.

Mr Ross said the review also included tours of BPI’s plant so that USDA personnel could get an inside-look at the process.

The US Department of Agriculture’s Food Safety and Inspection Service (FSIS) said the “lean finely textured beef” produced at BPI meets the “regulatory definition of ground beef” under the government’s Code of Federal Regulations.

“After reviewing BPI’s submission of a new product and new production process, [FSIS] determined that the product meets the regulatory definition of ground beef under the law in 9 CFR 319.15(a) and may be labeled accordingly,” a FSIS spokesperson told the New Food Economy.

The reclassification won’t change much for beef eaters.

Before the reclassification, restaurants and companies who use did not have to disclose their use of the product.

But as Geek pointed out, the reclassification for the “lean finely textured beef” just means that meat consumers have the option to purchase “ground beef” with added “ground beef.”

The reclassification was made official in December 2018 and was first reported by Beef Magazine, a publication dedicated to providing source and product information on the beef cattle industry.

### **Trump considera extender el plazo para empezar a aplicar derechos retaliatorios sobre CHINA**

Bloomberg February 14, 2019 President Donald Trump is considering pushing back the deadline for imposition of higher tariffs on Chinese imports by 60 days, as the world’s two biggest economies try to negotiate a solution to their trade dispute, according to people familiar with the matter.

The president said Tuesday that he was open to letting the March 1 deadline for more than doubling tariffs on \$200 billion of Chinese goods slide, if the two countries are close to a deal that addresses deep structural changes to China’s economic policies -- though he added he was not “inclined” to do so. The people said that Trump is weighing whether to add 60 days to the current deadline to give negotiations more time to continue.

“I think it’s going along very well,” Trump told reporters in the Oval Office this week. “They’re showing us tremendous respect.”

A spokeswoman for U.S. Trade Representative Robert Lighthizer declined to comment.

Chinese officials had initially proposed an extension of 90 days, but that was knocked back by the U.S. side, people familiar with that request said.

Asian stocks steadied and U.S. stock futures climbed. Treasuries slipped and the yen dipped.

Lighthizer and Treasury Secretary Steven Mnuchin are in Beijing for the latest round of high-level talks with Chinese Vice Premier Liu He on Thursday and Friday. A meeting between Lighthizer and Chinese President Xi Jinping is being tentatively scheduled for this week. Trump’s willingness to extend the deadline may depend on the outcome of that meeting, one of the people said.

Trump has indicated he will need to meet Xi to agree on a final deal. While no date has been set, a White House aide this week said the U.S. president still wants to meet his Chinese counterpart soon in a bid to end the trade war.



Negotiations this week are focused on how to enforce the trade deal and putting on paper a framework agreement to present to the two presidents.

In the talks, the U.S. is pushing for wide-ranging changes in the way China manages foreign trade and its own economy. Specifically, Lighthizer has zeroed in on China's alleged abuses of intellectual property and state sponsorship of companies.

Trump has also railed against the size of the U.S. trade deficit with China, and negotiators have made varying demands about how Beijing addresses this. The goal of "reciprocal trade" has been a clear priority of Trump's policies.

China wants to have the tariffs that have been imposed so far removed. To get the U.S. to do that, negotiators are trying to focus attention on their efforts to reduce China's more than \$300 billion goods trade surplus. Beijing has offered to ramp up its purchases from the U.S. massively over the next six years in order to even the scales.

It is going to take a lot of work to shrink that. While down from the record peak late last year, China still had a \$27.3 billion trade surplus in goods with the U.S. in January, according to data released on Thursday in Beijing.

"The outcome of the China-U.S. high-level economic and trade negotiations may be related to the future development and stability of the world economy," Chinese Foreign Ministry spokeswoman Hua Chunying said at a regular briefing Thursday in Beijing. "Both parties hope to reach a mutually beneficial agreement. The best thing we can do now is to let both sides concentrate on consultations."

### **Elevado stock y malas condiciones climáticas condicionarán el Mercado de hacienda**

February 11, 2019 05:01 AM The climbing cattle inventory and poor feeding conditions this winter are having mixed results on the cattle market.

Chip Nellinger of Blue Reef Agri-Marketing says the rising cattle inventory is worrisome, especially for exports. However, it really hasn't been phased recently due to the poor winter that has been experienced through much of the cattle feeding area of the country.

"It is probably some of...arguably the worst winter feeding conditions we've had in a decade. Part of the problem isn't so much the cold and the snow it is the cycles that we have," Nellinger says.

Temperatures have been sporadic with the recent polar vortex lower temperatures to record lows in some areas of the country and then quickly rising to above normal levels.

Nellinger says because of the mud and temperature swings cattle feeders are going to struggle with feed conversions, weight gains and health issues. This will have an impact on the currentness of the market and lower the end weight of fed cattle on the rail.

## **VARIOS**

### **AUSTRALIA: inundaciones mataron alrededor de 300 mil bovinos**

February 12, 2019 Record rain fall in northern Queensland, Australia has left upwards of 300,000 cattle dead as farmers struggle to care for their livestock during a multiday rain storm.

After years of drought, the northeastern region of Australia received much needed rain towards the end of January and the start February. However, the rain was more what is typically expected in the area during a single year and led to widespread devastation.

"We think that there's over 300,000 head of cattle that have been lost, drowned or washed away," says Georgie Somerset, president of the farm lobby group AgForce.

Queensland is home to approximately 11.1 million head of cattle, about 42.5% of Australia's cattle, according to Australian Bureau of Statistics and Australian Government Land and Coasts. The current estimated death toll would mean one out 37 cattle in the state have been killed. Other estimates from a number of media outlets in Australia have put the death toll at up to 500,000 head of cattle.

According to AgForce, the area impacted is twice the size of Tasmania (or West Virginia) at 32.74 million acres (13.25 million hectares).

In an interview with ABC News, 4th generation cattle farmer Dudley Harrington shares his experience dealing with flood waters on his station.

"About two weeks ago the rain started here which was very welcomed after we've gone through about seven tough years of drought here," Harrington says.

Unfortunately, for 11 days it rained at Harrington's cattle station with relentless winds blowing around 40 miles/hour (65 km/hour) and with the temperature dropping it made it difficult on livestock. During breaks in the storms Harrington would fly in a helicopter to drive cattle towards higher ground and drop hay from the air.

Harrington is unsure of the losses on his station or the extent of the damage. He has only been able to leave the homestead via a helicopter and has observed that much of his fence has been destroyed.





“There are a lot of cattle that have perished in the paddocks just because of the chilly winds and extensive rain. There have been a lot wash away because it has been such a widespread flood,” Harrington says. He adds that areas he has seen are as wide as 53 miles (85 km) with no land in between.

Large cattle stations like Australian Agricultural Company Ltd (AACo) have experienced significant cattle losses because of the flooding. AACo owns nearly half a million cattle running on 24 stations throughout Australia and four of those properties were impacted by the storms.

Losses at the 600,000 acre Wondoola station have been extreme according to Hugh Killen, AACo managing director.

“We’ll have to see what happens over the coming days and weeks, but it looks grim for those cattle,” Killen says.

The Canobie, Dalgonally and Carrum stations also had high losses. “We haven’t disclosed the breakdown of numbers across those three properties, but it’s been a pretty tough one on Dalgonally,” Killen says.

There have been efforts underway to give support to cattle farmers in Australia via hay donations. These efforts have been put together by groups like the Australian Defence Force, local government, AgForce and Australia’s Department of Agriculture and Fisheries.

Queensland’s Department of Agriculture and Fisheries has enacted an assistance funding program that offers up to US\$53,000 (AUS\$75,000) in grants to aid farmers. The grants can be used for hiring and leasing of equipment, purchasing hay, replacing dead livestock, salvaging feed or crops and repairing essential plant and equipment.

The government is also being flexible with its rules regarding the National Livestock Identification System (NLIS) during this time of natural disaster for impacted cattle producers.

Queensland’s Bureau of Meteorology calls the flooding along the Flinders River – Queensland’s longest river – the most significant that has been witnessed in more than 50 years.

### **JAPÓN aumenta 55% las importaciones de carne vacuna en enero**

14 de febrero de 2019 Las importaciones japonesas de carne vacuna aumentaron en enero, especialmente de los países que integran el llamado Acuerdo Transpacífico, principalmente Australia. Uruguay envió este miércoles su primer embarque de 6,5 toneladas y pagará el mismo arancel que EEUU, país que decidió salirse del acuerdo.

En enero Japón importó 32.885 toneladas de carne vacuna en el primer mes del año, un volumen 55% superior a las 21.152 toneladas de enero de 2018. El Transpacífico quedó operativo a fines de 2018 con un descenso paulatino de aranceles.

Para los países integrantes del acuerdo, el arancel para la importación de carne vacuna en Japón bajó de 38,5% -el que pagará Uruguay- a 27,5% y continuará bajando paulatinamente.

La Corporación de Industrias Cárnicas y Agricultura –una agencia independiente con base en Tokio- resaltó que la baja de más de 10 puntos en el arancel para los países integrantes del acuerdo afectó los volúmenes de importación de carne vacuna.

## **EMPRESARIAS**

### **Minerva habilitó tres plantas en Uruguay para exportar carne a JAPON**

11/02/19 - por Equipe BeefPoint A Minerva Foods, segunda maior produtora de carne bovina no Uruguai, anunciou que teve suas três plantas localizadas no país habilitadas para exportar a proteína in natura ao Japão.

Em comunicado ao mercado, a empresa disse que a capacidade diária de abate nas unidades uruguaias é de 3.200 cabeças. Com base em dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a Minerva ressalta que o Japão é o terceiro maior importador de carne bovina do mundo.

“A companhia reitera seu compromisso de manter os acionistas e o mercado em geral informados acerca do andamento deste e de qualquer outro assunto de interesse do mercado”, acrescentou a nota.

### **JBS entra en lugar de Marfrig se asoció con Nelore**

14/02/2019 Na prática, a nova parceria será maior do que existia com a Marfrig e envolverá as 36 unidades da JBS

A JBS, maior indústria bovina do Brasil, com 36 frigoríficos espalhados pelo País, assinou parceria com a Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB) para fornecimento de animais Nelore para a sua linha de carne de qualidade. Com o acordo, a JBS ocupa o lugar que foi da Marfrig Global Foods, que durante 15 anos manteve parceria nos mesmos moldes e decidiu romper o acordo unilateralmente no fim de janeiro.

+ENTENDA: Marfrig suspende atuação em programa de qualidade para gado nelore

“A Friboi e a ACNB apresentam grande sinergia. Temos unidades produtivas em todos os cantos do Brasil, próximas às fazendas dos associados da Nelore. Com isso, o programa Nelore Natural ganha



capilaridade e uma dimensão nacional, o que contribuirá fortemente para o trabalho de valorização da raça, uma das maiores protagonistas da pecuária, responsável por 80% do rebanho de corte brasileiro”, afirma o presidente da Friboi, Renato Costa, em nota.

Na prática, a nova parceria será maior do que existia com a Marfrig: envolverá as 36 unidades da JBS, enquanto que o acordo com a concorrente contava com apenas sete unidades, em quatro Estados (SP, MS, MT e GO). A parceria também prevê a promoção de festivais com cortes selecionados, além da abertura de espaço para a ACNB participar de eventos nacionais e internacionais que tradicionalmente contam com a presença da Friboi, como feiras supermercadistas, salões e exposições do setor.

### **Friboi y ACNB ampliaron Programa de Calidad Nelore Natural**

15/02/19 - por Equipe BeefPoint A Friboi e a Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB) anunciam parceria em que promovem a raça e expandem a oferta e comercialização de carne de gado nelore de alta qualidade a um mercado amplo e cada vez mais exigente.

Com o acordo, o Protocolo Nelore Natural, de gestão e produção de carcaças, será estendido a todas as 36 unidades produtivas da Friboi em dez estados do país, facilitando o acesso dos produtores associados da ACNB.

Os novos parceiros também unirão forças na organização do Circuito Nelore de Qualidade, realizado pela ACNB há 20 anos, e que ganhará musculatura nessa nova fase.

“A Friboi e a ACNB apresentam grande sinergia. Temos unidades produtivas em todos os cantos do Brasil, próximas às fazendas dos associados da Nelore. Com isso, o programa Nelore Natural ganha capilaridade e uma dimensão nacional, o que contribuirá fortemente para o trabalho de valorização da raça, uma das maiores protagonistas da pecuária, responsável por 80% do rebanho de corte brasileiro”, afirma o presidente da Friboi, Renato Costa.

“Nossa experiência com a parceria realizada com os produtores e apoio na gestão e promoção do produto tem contribuído fortemente para que possamos oferecer ao consumidor uma carne bovina de altíssima qualidade no Brasil e no mundo”, complementa o executivo.

“A carne Nelore é a carne do Brasil. Temos imensa satisfação em fechar essa parceria com a Friboi, uma das maiores empresas de abate e processamento de bovinos do mundo, o que certamente potencializará o Programa Nelore Natural, que tem o objetivo de valorizar quem produz carne de qualidade.

Além de ações de promoção da carne nelore, da remuneração diferenciada dos produtores que fornecerem animais dentro dos padrões estabelecidos, e da ampliação do Circuito Nelore de Qualidade, essa parceria se propõe a implementar ações e disponibilizar ferramentas para que os pecuaristas possam melhorar os seus indicadores, ter mais rentabilidade, e contribuir para fortalecer ainda mais o Nelore e a pecuária brasileira. Todos ganham nesse processo: o produtor, a indústria, o consumidor final e o país”, afirma Nabih Amin El Aouar, presidente da ACNB.

O diretor de Originação da Friboi, Eduardo Pedroso, também avalia a recém-criada parceria com bastante otimismo. “Juntamente com a ACNB, desenvolvemos um novo protocolo de remuneração aos pecuaristas associados e participantes do programa Nelore Natural, que estará disponível de imediato em todas as nossas unidades.

A parceria traz benefícios para todos os elos da cadeia, por preconizar, de um lado, o foco no consumidor pela alta qualidade da carne, e de outro a eficiência produtiva traduzida por mais arrobas por hectare/ano, que impacta diretamente no aumento da renda do produtor”, explica.

A parceria também prevê a promoção de festivais com cortes selecionados, além da abertura de espaço para a ACNB participar de eventos nacionais e internacionais que tradicionalmente contam com a presença da Friboi, como feiras supermercadistas, salões e exposições do setor.

O Programa Nelore Natural conta atualmente com 522 produtores participantes. Somente no ano passado, este grupo forneceu cerca de 380 mil animais para a produção de carne com qualidade superior, sendo a maior parte nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.